

COMEMORANDO A PAZ

Declarada a guerra, em que, infelizmente, a humanidade acaba de patentear mais uma vez, que nenhuma correspondência existe entre os progressos científicos e o acrisolamento dos sentimentos, o Instituto de Coimbra cumpriu o seu dever integrando-se no movimento nacional que desde os primeiros momentos fez ocupar ao nosso país uma situação de destaque na linha de combate constituída pela antiga civilização latina aliada com a civilização anglo-saxónica, a qual dos dois lados do atlântico ostenta o prestígio de uma raça predestinada para o triunfo.

Por iniciativa do Instituto aqui realizaram notáveis conferências os seus ilustres sócios Srs. Conde de Penha Garcia e Gomes de Sousa, em que fôram versados, com o mais acrisolado patriotismo e proficientes conhecimentos, interessantes aspéctos do conflito. Por mim, tendo tomado parte nas manifestações patrióticas realizadas em Coimbra, em seguida à visita que fiz ao *front* português, em outubro de 1917, na qual me foi dada a satisfação de receber os mais cativantes tetemunhos de estima dos meus valentes camaradas, e em especial do ilustre comandante do corpo expedicionário, o Ex.^{mo} Sr. General Tamagnini, tive a honra de fazer, na Sala dos Capêlos da nossa Universidade, uma conferência sobre o tema — *Portugal na guerra e na paz*.

A confiança que sempre tivera no resultado da luta tinha-se-me radicado nessa visita, em que com o maior prazer pude apreciar o valor da acção das nossas tropas, e a grande consideração que mereciam aos aliados. De modo algum podem atenuar o alto valor das qualidades do nosso povo os accidentes de uma campanha em que os exércitos aliados sofreram as mais rudes e angustiosas provações, que serviram exactamente para pôr em relêvo as suas extraordinárias qualidades de patriotismo, de coragem, de audácia, de sofrimento, e sobretudo de iniciativa, — capaz, por meio

de rasgos de génio, de vencer as mais críticas situações, como sucedeu no Marne, em Verdun, no Somme, em Messines, e, enfim, no remate dessa epopeia gigantesca em que a França assombrou o mundo com as geniais concepções do glorioso comandante dos exércitos aliados, o Marechal Foch, que pela forma mais brilhante rematou a obra sabiamente iniciada pelo Marechal Joffre.

No momento em que tive ocasião de fazer essa conferência, após a falência da Rússia e os desastres sofridos pela Itália, era considerada desesperada a situação dos aliados: por isso mesmo eu ousei, com viva satisfação, lembrar agora o prognóstico que sobre o desenlace da guerra emiti em 13 de novembro de 1917 na referida conferência.

«E deveras grave a falência da Rússia, a inutilização dos exércitos romeno, sérvio e montenegrino. É doloroso o desastre há pouco sofrido pela Itália e o rude golpe logo no principio suportado pela Bélgica.

Mas todos estes acontecimentos, por mais importantes que possam considerar-se, em nada influirão sobre o resultado final, sendo é certo para sentir que retardem o momento da completa liquidação.

Todos estes factos são incidentes da verdadeira luta. Todos esses países, alguns infelizmente já derrubados, outros obrigados a sustentar heroicamente uma luta desigual, têm prestado assinalados serviços.

Permitiram que a linha ocidental se tornasse invencível, e que esteja gastando dia a dia, e por forma notável, as forças dos grandes impérios do centro.

Desde a derrota do Marne nunca mais os exércitos alemães cessaram de ser derrotados nesta linha e de abandonar consideráveis extensões de terreno, apesar dos seus desesperados ataques.

As batalhas de Verdun do Aisne, de Soissons, de Ypres, de Messines, de Cambrai, são constantes manifestações da superioridade dos aliados, que neste momento vão receber mais um importante auxílio, o dos Estados Unidos da América do Norte.

Nenhuma dúvida haja sobre a sua influência.

Já me referi à sua importância financeira e económica. Terá também enorme valor a sua cooperação militar. Sorriam-se os impérios centrais do exército de terra da Inglaterra, sempre dedicada exclusivamente ao engrandecimento da sua poderosa armada. Hoje têm de curvar-se diante da força imponente que este país lhe apresenta com mais

de 6 milhões de homens modelarmente equipados e preparados.

Garantem os Estados Unidos que colocarão nas linhas da batalha, dentro em pouco, muitos milhões de homens. Assim sucederá.

Mas, diz-se, os aliados não conseguirão romper a inexpugnável linha de Hedinburgo! Os factos ocorridos há 3 anos de modo algum garantem esta asserção, e são muitos os sinais de que o exército alemão se encontra exausto.

Com os reduzidos avanços realizados gastar-se-iam dezenas de anos para chegar a Berlim! Mas não se atenta em que a vitória em nada depende de uma vitoriosa marcha até Berlim. Alguns quilómetros conquistados significam uma importante vitória, um enorme desgaste das forças vencidas.

Conceda-se, e é inadmissível, atendendo à decadência financeira e económica dos impérios centrais, que estes aguentam por muitos anos a sua frente ocidental.

Nem por isso deixam de estar já virtualmente vencidos e condenados a sucumbir num praso mais ou menos curto.

E que vencido se encontra de facto um inimigo que se acha impossibilitado de comunicar com o mundo, e cujo pavilhão desapareceu da superfície dos mares, para ocultar as suas cruéis proezas nos abismos dos oceanos».

Também então tive ocasião de diagnosticar a *débâcle* alemã, a desorganização do Império alemão quando chegasse a derrota, verificando-se mais uma vez a incapacidade dos seus elementos para constituírem uma unidade que não esteja constantemente bafejada pela fortuna.

Enunciando as consequências da guerra, disse eu então: «E sem agora me alongar mais sobre este importante assunto, só observarei quanto devem ser graves para a Alemanha as consequências da sua errada política de domínio universal, e como nada deve surpreender a rápida derrocada do império, verificando-se mais uma vez a verdade dos opiniões de Príncipe de Bulow sobre a incapacidade política da Alemanha».

Estranho contraste com a psicologia francesa, atestada através dos mais rudes golpes da adversidade, como a Europa ainda em 1870 teve ocasião de admirar!

Firmado o armistício com a Alemanha, o Instituto acolheu o anúncio da aurora de uma paz próxima com o maior entusiasmo, e aproveitou o ensejo para testemunhar a sua admiração pelos países aliados, elegendo seus sócios honorá-

rios as suas mais notáveis individualidades, tanto na acção política, como na militar e evangélica.

Fôram também eleitos os nossos ilustres e valentes generais que em França occuparam o alto comando do nosso exército — Srs. Fernando Tamagnini e García Rozado.

Hoje, comemorando a paz, tão anciosamente esperada, e que, mais do que nunca, tanto é para desejar que perdure, o Instituto dedica-lhe esta publicação, em que tem a honra de apresentar os retratos dêsses seus ilustres sócios. É com grande prazer que podemos consignar que todos se dignaram dar à nossa sociedade as mais distintas demonstrações de aprêço, e aqui são publicadas as que foram directamente recebidas, e que nos permitem guardar na nossa colecção preciosas recordações.

Não terminarei sem observar a grande satisfação que devemos sentir com a unidade que oferecem as raças latinas, compreendendo a Espanha, que neutral durante a guerra, por motivos dignos de toda a consideração, immediatamente veio reunir-se, em posição de destaque, às nações irmãs e anglo-saxónias, nas quais sem dúvida existem as mais notáveis qualidades de espirito, que desde remotos tempos lhe marcam uma situação primacial, agora mais uma vez firmada sobre sólida base.

Neste meio occupam Portugal e Espanha especial situação, não só pelos seus valores nacionais, mas também muito pelas notáveis e pujantes civilisações que implantaram na América. E é decerto motivo do maior regosijo ver todos estes elementos unidos com a mesma orientação, o que, seguramente, conduzirá aos mais vantajosos e desejados resultados.

Honram esta publicação:

— O ilustre General Sr. Fernando Tamagnini, que com o auxílio do Sr. Coronel Roberto Baptista, que foi o incansável e distinto chefe de Estado Maior do exército português na campanha da Flandres, conseguiu o maior prestígio para o nosso exército, devendo ser grande honra para Portugal a consideração que Sua Ex.^a mereceu ao exército inglês, que lhe tem dado as mais distintas provas de aprêço. Tenho tido a grande satisfação de verificar pessoalmente quanto a acção inteligente e valorosa de Sua Ex.^a contribuiu para nos prestigiar, e não esquecendo o alto merecimento dos generais que o acompanharam, julgo cumprir um dever deixando aqui consignado este facto. Sua Ex.^a faz-nos ver rapidamente o que foi o esforço militar da nossa antiga aliada a Inglaterra. É um justo tributo à nobre nação inglesa.

— O sábio economista e distinto homem de Estado, Sr. Conselheiro Anselmo de Andrade, que numa brilhante síntese expõe a situação do país. É uma autoridade respeitada por todos os portugueses, e com razão se orgulha o Instituto com publicar as apreciações de Sua Ex.^a, certo de que serão meditadas e influirão poderosamente no espírito de todos os que realmente têm a peito que o nosso país se encontre numa situação próspera, prestigiosa e digna da consideração mundial.

— O douto professor da Escola Naval e ilustre colonial, Sr. José Francisco de Silva, dignou-se expôr as suas largas vistas sobre o nosso problema colonial, que conhece com especial competência, e que pode tratar com a alta capacidade de técnico.

A todos o *Instituto* manifesta o mais vivo reconhecimento.

COSTA LOBO.